

A ÁGUA, O SONHO E A INSÔNIA

Possibilidades poéticas no desenho



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Louise Shizue Kanefuku

A ÁGUA, O SONHO E A INSÔNIA
Possibilidades poéticas no desenho

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais sob orientação do Prof. Dr. Flávio Gonçalves.

Banca examinadora:

Prof^{ta} Dr^a Maristela Salvatori

Prof^{ta} Dr^a Marilice Corona

Porto Alegre, 2015

Agradecimentos

Ao professor Flávio Gonçalves pela orientação no desenvolvimento deste trabalho e no meu percurso dentro do Instituto de Artes.

À professora Maristela Salvatori pelos ensinamentos e pela orientação no projeto de pesquisa em gravura.

Ao Instituto de Artes, seus professores e alunos, pela rica experiência no processo de graduação.

À UFCSPA e ao Professor Éder Silveira pela oportunidade de expor meus trabalhos.

À Editora Azulejo pelo convite e publicação do livro de artista.

À minha família e amigos pela torcida.

E ao Michel pelo constante incentivo, carinho e apoio.

Resumo

Esta monografia centra-se no processo de trabalho e nas obras da série *Estudo sobre a insônia* desenvolvida nos meus últimos anos de graduação. O conjunto, formado principalmente por desenhos, aborda questões referentes à insônia e ao sonho. Em torno deste tema, alguns aspectos se tornam recorrentes e, portanto, relevantes na poética do trabalho: o vazio, a leveza, a suspensão, o tempo, a presença da água e a melancolia.

Em relação à linguagem do desenho, trago algumas reflexões dos professores Flávio Gonçalves e Tereza Poester, além de John Berger e Emma Dexter. Para a análise da poética da água, cito a obra de Gaston Bachelard; na ponderação sobre o tempo aponto os pensamentos de Santo Agostinho e nas questões existenciais que tocam a insônia, cito Jonathan Crary e Schopenhauer. Afim de compreender a origem das metáforas a que recorro, procuro relações na literatura e no cinema, com autores como Italo Calvino, Milan Kundera e Haruki Murakami. Nas artes, os trabalhos de Chris Ware, Mario Röhnelt, Mira Schendel e Jim Shaw aparecem como fortes referências.

Palavras-chave: desenho, leveza, água, sono, sonho, insônia, melancolia.

Lista de Figuras

Fig. 1. Louise Kanefuku. <i>Sem título</i> , 2012. Papel vegetal sobre acetato colado entre varetas de madeira balsa. 10 cm x 15 cm x 28 cm.	8
Fig. 2. Louise Kanefuku. <i>Sem título</i> , 2014. Grafite, linha e café em papel japonês, vegetal, pólen e manteiga. 27 cm x 40 cm.	8
Fig. 3. Louise Kanefuku. <i>Sem título</i> , 2013. Gravura em metal. 20,5 x 13,5 cm.	9
Fig. 4. Louise Kanefuku. <i>Sem título</i> , 2013. Gravura em metal. 18 x 26 cm.	9
Fig. 5. Chris Ware. Detalhe de <i>Building Stories</i> , 2012.	10
Fig. 6. Louise Kanefuku. Fotos referenciais para o <i>Estudo sobre insônia</i> , 2014.	11
Fig. 7. Louise Kanefuku. Estudo de <i>Estudo sobre a insônia</i> . Grafite sobre papel. 84 cm x 170 cm.	12
Fig. 8. Mario Röhnehl, <i>Sem título</i> , 1981. Grafite e tinta acrílica 35 x 50 cm.	13
Fig. 9. Mario Röhnehl, <i>Sem título</i> , 1981. Grafite e tinta acrílica 66 x 66 cm.	13
Fig. 10. Louise Kanefuku. <i>Sem título</i> , 2014. Série <i>Estudo sobre a insônia</i> . Desenho em grafite e lápis branco. 20 x 30 cm.	14
Fig. 11. Louise Kanefuku. <i>Sem título</i> , 2014. Série “Estudo sobre a insônia”. Desenho em grafite e lápis branco. 50 x 65 cm.	14
Fig. 12. Mira Schendel. <i>Segno del Segni</i> , 1964-65. Monotipia em papel japonês. 23 cm x 46 cm.	15
Fig. 13. Louise Kanefuku. <i>Estudo sobre a insônia</i> , 2014. Grafite e giz de cera sobre papel. 1,5 m x 2 m.	17
Fig. 14. Louise Kanefuku. Detalhe de <i>Estudo sobre a insônia</i> . 2014.	18
Fig. 15. Seung Mo Park. <i>MAYA813</i> , 2011. Malha de fios de aço inoxidável. 171 x 30 x 171 cm.	20
Fig. 16. Louise Kanefuku. Sketches para as fotos referenciais do <i>Estudo sobre a insônia</i> , 2014.	21
Fig. 17. Louise Kanefuku. Fotos referenciais do <i>Estudo sobre a insônia</i> . 2014.	22
Fig. 18. Louise Kanefuku. <i>Sem título</i> , Série <i>Estudo sobre a insônia</i> . 2015. Desenho em grafite e giz de cera. 100 x 69 cm.	24
Fig. 19. Louise Kanefuku. <i>Estudo sobre a insônia III</i> , 2015. Desenho em grafite, lápis aquarelável e giz de cera. 1,5 x 2,3 m.	25
Fig. 20. Louise Kanefuku. <i>Estudo sobre a insônia II</i> , 2015. Desenho em grafite, lápis aquarelável e giz de cera. 1,5 x 2,1 m.	25
Fig. 21. Louise Kanefuku. <i>Estudo sobre a insônia IV</i> , 2015. Desenho em grafite, lápis aquarelável e giz de cera. 1,5 x 2,1 m.	26
Fig. 22. Louise Kanefuku. <i>Estudo sobre a insônia V</i> , 2015. Desenho em grafite, lápis aquarelável e giz de cera. 1,5 x 2,1 m.	26
Fig. 23. Raul Krebs. Registro fotográfico da exposição ‘ <i>Estudo sobre a insônia</i> ’. 2015.	27
Fig. 24. Editora Azulejo. Registro fotográfico do livro de artista ‘ <i>Estudo sobre a insônia</i> ’. 2015. 15,5 x 22,3 cm.	28
Fig. 25. Louise Kanefuku. <i>Sem título</i> , série <i>Estudo sobre a insônia</i> 2015. Desenho em grafite, lápis aquarelável e pastel seco. 65 x 41 cm.	29

Fig. 26. Louise Kanefuku. Sem título, série <i>Estudo sobre a insônia</i> 2015. Desenho em grafite, lápis aquarelável e pastel seco. 100 x 69 cm.	30
Fig. 27. Louise Kanefuku. <i>Sem título</i> , série <i>Estudo sobre a insônia</i> 2015. Desenho em grafite, lápis aquarelável e pastel seco. 81,5 x 69 cm.	30
Fig. 28. Kat Menschik. Ilustração do livro <i>Sono</i> de Haruki Murakami. 2015.	31
Fig. 29. Stephen Daldry. <i>Stills</i> do filme <i>As Horas</i> . 2003.	32
Fig. 30. Louise Kanefuku. <i>A sombra do que é claro também é escura</i> . Série <i>Estudo sobre a insônia</i> . 2015. Caneta Posca sobre acetato. 21 x 11 cm.	33
Fig. 31. Louise Kanefuku. <i>Souvenirs do inconsciente</i> . Série <i>Estudo sobre a insônia</i> . 2015.	33
Fig. 32. Jim Shaw. <i>Dream Object</i> . 2004.	34
Fig. 33. Louise Kanefuku. <i>Sem título</i> , série <i>Estudo sobre a insônia</i> 2015. Desenho em grafite, lápis aquarelável e pastel seco. 3 x 50 x 65 cm.	35
Fig. 34. Louise Kanefuku. <i>Estudo sobre a insônia VI</i> , 2015. Desenho em grafite e lápis aquarelável sobre papel. 1,5 x 4,5 m.	36
Fig. 35. Louise Kanefuku. Sem título, série <i>Estudo sobre a insônia</i> . 2015. Grafite e lápis aquarelável sobre papel. 1,5 m x 2,7 m.	37
Fig. 36. Louise Kanefuku. <i>Sem título</i> , série <i>Estudo sobre a insônia</i> . Impressão em papel fotográfico. 60 cm x 84 cm.	38
Fig. 37. Louise Kanefuku. <i>Sem título</i> , série <i>Estudo sobre a insônia</i> . Impressão em papel fotográfico. 60 cm x 84 cm.	38
Fig. 38. Louise Kanefuku. <i>Sem título</i> , série <i>Estudo sobre a insônia</i> . Impressão em papel fotográfico. 60 cm x 84 cm.	38

Sumário

Introdução	7
De onde eu vim	8
Estudo sobre a insônia: a insônia, o desenho, o vazio e a leveza.	10
Estudo sobre a insônia: o sono, o sonho, a água e a suspensão.	20
Estudo sobre a insônia: seus desdobramentos, o peso e a melancolia.	29
Considerações finais de um percurso em andamento	39
Referências Bibliográficas	41
Anexos	45

Introdução

Entender e explicar os mecanismos que nos levam a produzir determinadas imagens (seja através da foto ou do desenho), quando se trabalha intuitivamente é como tentar entender os nossos sonhos. Não estando ciente dos motivos que me levam a desenhar, penso que a origem desta motivação deva estar no inconsciente. Antes de decifrar um enigma ou explicar meu trabalho, esta monografia pretende formular hipóteses e jogá-las ao mundo para ver se, olhando-as com alguma distância, elas fazem sentido (semelhante ao que ocorre no processo de psicanálise com os sonhos).

Apresento o desenvolvimento prático da série *Estudo sobre a insônia* através de uma narrativa e a medida que me convém, insiro algumas reflexões teóricas ou metáforas paralelas, obras e textos que considere relevante neste percurso. A intenção é levar até o leitor um do pouco meu universo e a seleção deste é bastante intuitiva, mas baseada na crença de que esta intuição é a mesma que me conduz na produção artística.

O conjunto de trabalhos possui foco em desenho, linguagem a qual venho me dedicando ao longo de toda a graduação. Inicialmente interessada na aparente trivialidade do tema ‘insônia’, no desenho deparei-me com uma ampla gama de possibilidades de explorá-lo. Os desenhos desta série foram baseados em fotografias do meu corpo, são feitos em grafite e possuem detalhes em outros materiais (lápis aquarelável, lápis de cor e giz de cera). Neles, minha figura aparece representada de forma realista em diferentes posições, proporções em relação ao papel e lugares no plano da folha. Os desenhos possuem todos o mesmo fundo vazio. Essas escolhas foram guiadas pela tentativa de evocar algumas ideias características do momento de sono/insônia, como o isolamento, a solidão e a melancolia. As figuras sempre aparecem sozinhas na composição e o vazio em torno delas indica o foco do trabalho: as questões internas, os sentimentos e os pensamentos que temos noite após noite.

De onde eu vim

Descendente de segunda geração de japoneses, cresci tendo um forte contato com a cultura oriental. Na infância frequentei uma escola de japonês, onde além de estudar a língua, adquiri noções de caligrafia e da cultura japonesa em geral. Em 2008, também tive a oportunidade de residir na província de Yamaguchi (Japão) por 6 meses, trabalhando, realizando cursos, visitando exposições e conhecendo o país, fatos que acredito influenciarem no meu modo de ver o mundo e, conseqüentemente, no minha produção.

Formada em Publicidade e Propaganda pela UFRGS em 2007, desde 2003 curso disciplinas do Instituto de Artes como curso 2, tendo ingressado oficialmente no curso no ano de 2010. Apesar de ter um percurso anterior, considero que somente em 2012, com a criação do obra ao lado (Fig. 1) tenha começado a desenvolver um trabalho autoral.

Trata-se da reprodução de meu corpo projetado tridimensionalmente em lâminas de acetato. Apesar de ser de uma espécie de protótipo, que não levei adiante, observo nele a busca pela leveza, a sutileza e o interesse na representação do meu corpo que permanece no meu trabalho. Em seguida, comecei uma série, na qual trabalhei os dois anos seguintes, intitulada *Pequenos Martírios Indolores*¹. Tendo algum domínio sobre o desenho figurativo tradicional, nestes trabalhos procurei explorar outros aspectos da composição. Criei pequenas figuras baseadas em fotos do meu corpo e meu trabalho consistia em desenhá-las e fazê-las interagir com o suporte e o fundo de diferentes formas. Costurava, recortava, perfurava, rasgava e as maltratava de diversas maneiras em papéis opacos e translúcidos, utilizando suas formas minimalistas como um elemento constante. Também reconheço nestes trabalhos algumas semelhanças com a série que desenvolvo atualmente, como o envolvimento com a imagem do meu corpo, a ideia de imersão, a forma com que utilizo os espaços em branco e um certo sofrimento em sua atmosfera.

Nesta série também desenvolvi trabalhos em gravura, linguagem pela qual me interessei e pude me

1. Tive a oportunidade de mostrar esta série em duas exposições individuais (na Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa e no Instituto Estadual de Artes Visuais - IEAVi) e em exposições coletivas. Atualmente, uma de suas obras encontra-se no acervo do MARGS e outra na do MACRS.



Fig. 1. Louise Kanefuku. *Sem título*, 2012. Papel vegetal sobre acetato colado entre varetas de madeira balsa. 10 cm x 15 cm x 28 cm



Fig. 2. Louise Kanefuku. *Sem título*, 2014. Grafite, linha e café em papel japonês, vegetal, pólen e manteiga. 27 cm x 40 cm

aprofundar com a professora Maristela Salvatori em três disciplinas cursadas e um ano e meio de pesquisa no projeto “O Fascínio do Traço: Expressões do Múltiplo”.

Acredito que o interesse pela gravura se deu pela semelhança com o desenho e pelo processo artesanal da impressão. Habituada com a velocidade e a facilidade que se imprimem grandes quantidades de materiais no meio publicitário, passar horas ou até dias no atelier para conseguir uma boa impressão, foi uma experiência que me deu uma outra dimensão de tempo e do valor de cada gravura.



Fig. 4. Louise Kanefuku *Sem título*, 2013. Gravura em metal. 18 x 26 cm



Fig. 3. Louise Kanefuku
Sem título, 2013.
Gravura em metal.
20,5 x 13,5 cm

Estudo sobre a insônia:

a insônia, o desenho, o vazio e a leveza.

É difícil apontar ao certo quando um desenho começa. Após concluir o atual conjunto de desenhos, enxergo algumas referências que provavelmente influenciaram minha produção. As *graphic novels* de Chris Ware são uma delas, principalmente em relação ao tema da insônia e à atmosfera de seus desenhos. Chris Ware é um autor (roteirista e desenhista) americano de *graphic novels*, cujo trabalho sou grande admiradora. Separo, a seguir, um fragmento da obra *Building Stories*, conjunto de 16 livros que combinados narram a história de vida de uma mulher.

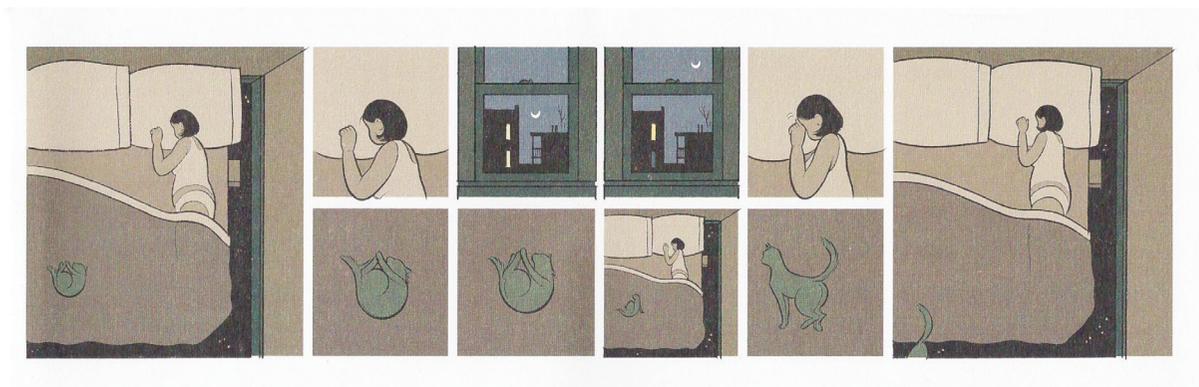


Fig. 5. Chris Ware. Detalhe de *Building Stories*, 2012

Nesta imagem, vejo uma grande semelhança em relação ao meu trabalho não só pelo tema mas, pictoricamente, pelo ângulo em que o autor coloca o espectador, como se ele estivesse no teto, na posição de *voyeur*. A meu ver, Chris Ware possui uma maneira particular de conferir profundidade ao cotidiano de pessoas comuns, inserindo o leitor em dramas de vidas aparentemente ordinárias. Neste pequeno livreto, por exemplo, ele resume a vida de sua personagem através de seus momentos de sono (ou insônia).

‘Está firmado no imaginário popular que o sono é para os justos’, como lembrou o professor Éder Silveira em texto curatorial para a exposição *Estudo sobre a insônia* (em anexo). Logo, ‘perder o sono traduz a falta de tranquilidade, a dívida, a ansiedade’. Essa angústia, pela qual eventualmente também passo a noite é a mesma pela qual passa a personagem de Chris Ware, e a mesma pela qual passa grande parcela da população. Talvez a banalidade do tema, confrontada com a intensidade da angústia que pode provocar a insônia tenham despertado em mim o interesse em retratá-la.

O desenho intitulado *Estudo sobre a insônia* foi o disparador desta série, que leva o mesmo nome. Ele foi baseado em fotos de meu corpo vestindo pijama que, em sequência, simulam um movimento de um lado para outro, retratando uma insônia inquieta, angustiante. As duas primeiras imagens de meu corpo presentes do lado esquerdo se repetem refletidas no lado direito, trazendo a ideia de ciclo. Um movimento que se repete indefinidamente. A percepção de que uma sequência de desenhos evoca um movimento provavelmente eu também tenha herdado das histórias em quadrinhos.

Pensando fazer algo diferente do que vinha fazendo nos *Pequenos Martírios Indolores*, procurei trabalhar com traços mais expressivos, compondo um desenho mais rico em detalhes e mais realista, além de produzir uma imagem em um formato maior.



Fig. 6. Louise Kanefuku. Fotos referenciais para o *Estudo sobre insônia*, 2014.



Fig. 7. Louise Kanefuku. Estudo de *Estudo sobre a insônia*. Grafite sobre papel. 84 cm x 170 cm

Aqui é interessante apontar minhas motivações pela escolha do desenho. Tendo as fotografias em mãos, por que reconstruir as imagens pela linguagem do desenho? Uma das respostas é que, como desenho, a imagem adquire características que não estão na fotografia. O traço, a pressão, as marcas do olhar e da mão humana, tornam-a uma outra imagem. Trata-se da reconstrução de uma imagem capturada por um aparato com a adição de algo que há em nós, seres humanos, entre o olhar, a cabeça e a mão. John Berger, no texto *Drawn to that moment*, comenta a diferença entre desenhar e fotografar:

Desenhar (em contraponto com a fotografia) é olhar, examinando as estruturas das aparências. Um desenho de uma árvore não mostra apenas uma árvore, mas uma árvore-sendo-olhada. Assim que o olhar sobre uma árvore é registrado, quase que instantaneamente o exame do olhar sobre uma árvore, toma não apenas uma fração de segundos, mas minutos ou horas. O que envolve, deriva e se

refere a muitas experiências prévias do olhar. Dentro no instante da visão de uma árvore, se estabelece uma experiência de vida. (BERGER, 1993)

Também apoio meu interesse no desenho pelo que Emma Dexter, chama de uma condição humana no texto *To Draw is to be Human*:

O desenho está em tudo. Nós estamos cercados dele - está costurado na 'urdidura' e tramado nas nossas vidas: nós o praticamos como uma das primeiras experiências escolares, e como pais, nós guardamos como tesouro os desenhos feitos pela nossa primavera como uma coisa única. (...) Na vida adulta, nós o usamos pragmaticamente para desenhar nossos mapas e planos, mas também para *sonhar* (grifo meu) - em riscos e rabiscos. Nós usamos o desenho para denotar-nos, denotar nossa existência numa cena: no contexto urbano, por exemplo, o grafite atua como uma forma de desenho dentro de um campo expandido. De fato, o desenho é parte da nossa interrelação com o nosso ambiente físico, gravando nele, a presença humana. É o meio pelo qual nós podemos entender e mapear, decifrar e colocar em termos nosso ambiente enquanto deixamos marcas, faixas ou sombras para marcar nossas passagens. (...) O desenho é parte daquilo que parece ser humano - de fato, seria ridículo aplicar essa afirmação a outro, meio mais especializado, como a pintura, a escultura, ou a colagem. (DEXTER, 2005)

Logo após ter realizado o primeiro desenho de *Estudo sobre a insônia*, entrei em contato com a obra de Mario Röhnelt, em sua individual "Uma Retrospectiva" no Museu de Artes do Rio Grande do Sul (MARGS). Além da qualidade técnica, vi em seus desenhos a possibilidade de explorar mais o volume das figuras, não me restringido ao uso da linha (contorno).

Nessa mesma exposição haviam desenhos sobre papéis coloridos, e estes papéis conferiam uma determinada atmosfera à imagem. Nesses trabalhos, os fundos, mesmo quando vazios, eram bastante ativos por causa da cor do papel. Eles serviram como referência nos desenhos que fiz a seguir:



Fig. 8. Mario Röhnelt, *Sem título*, 1981.
Grafite e tinta acrílica 35 x 50 cm

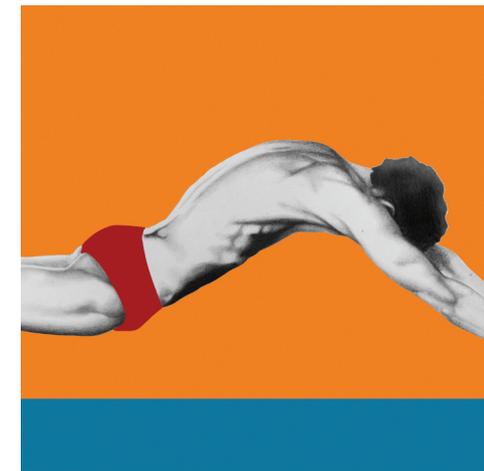


Fig. 9. Mario Röhnelt, *Sem título*, 1981.
Grafite e tinta acrílica 66 x 66 cm

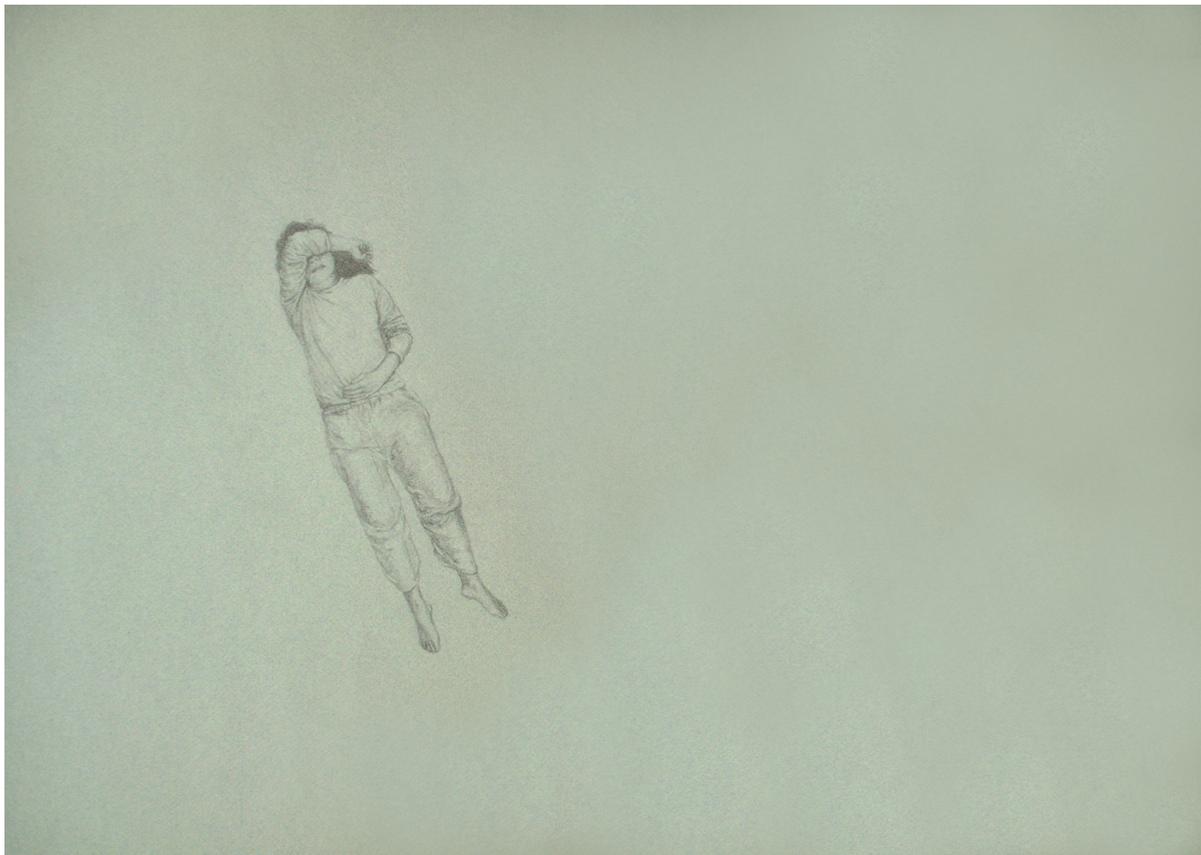


Fig. 11. Louise Kanefuku. *Sem título*, 2014. Série “Estudo sobre a insônia”. Desenho em grafite e lápis branco. 50 x 65 cm



Fig. 10. Louise Kanefuku. *Sem título*, 2014. Série *Estudo sobre a insônia*. Desenho em grafite e lápis branco. 20 x 30 cm

Nestes desenhos tornam-se evidentes elementos importantes para o meu trabalho: o vazio e a leveza. Neles, os fundos em branco deixam em aberto uma série de possibilidades e direcionam o foco da atenção à questões psicológicas internas, pela sugestão de que o meio em que a pessoa representada se encontra não é relevante. O fundo, mesmo que vazio, não se isenta na composição, atua fortemente, quase como uma massa, contrapondo-se à figura de forma a conferir uma dimensão a ela em relação espaço/ suporte em que está inserida. Ao mesmo tempo, o vazio reforça o silêncio e a solidão, característicos da experiência da insônia.

No trabalho de Mira Schendel, o vazio é um elemento extremamente importante e também está presente de forma ativa. Em suas monotípias podemos ver que o vazio serve para enfatizar a presença dos elementos e a suavidade das linhas. No vazio é onde as coisas existem em potencial. Para Maria Eduarda Marques 'o vazio que se apresenta [em Schendel] não é apenas ausência de objetos representados no plano: evoca a ideia de uma negatividade produtiva, próxima do pensamento oriental' (MARQUES, 2001). Em entrevista com Jorge Guinle Filho, publicada no catálogo de sua exposição, a artista revela:

Realmente, o sentimento do espaço me toca subjetivamente, mas objetivamente, para mim, os grandes espaços podem também ser pequenos fisicamente. O grande espaço vazio é uma coisa que me comove profundamente. (BARSON, 2014)



Fig. 12. Mira Schendel. *Segno del Segni*, 1964-65. Monotípia em papel japonês. 23 cm x 46 cm

Nos desenhos do *Estudo sobre a insônia*, a leveza, evocada pela suavidade das linhas, a posição dos corpos e a economia de recursos (materiais e cores) conversa com a tranquilidade do sono, enquanto contrasta com a angústia da insônia.

Na obra *Seis Propostas para o Próximo Milênio*, Italo Calvino discorre sobre a leveza de forma poética, conferindo a ela uma função valorosa. Trazendo a mitologia da Medusa, deusa que transforma em pedra todo aquele que a olha nos olhos, sugere que o poeta (ou o artista) possui a missão de Perseu (herói alado que derrota Medusa) combater o embrutecimento, se utilizando da leveza.

Às vezes, o mundo inteiro me parecia transformado em pedra: mais ou menos avançada segundo pessoas e os lugares, essa lenta petrificação não poupava nenhum aspecto da vida. Como se ninguém pudesse escapar ao olhar inexorável da Medusa.

O único herói capaz de decepar a cabeça da Medusa é Perseu, que voa de sandálias aladas. (...) Perseu se sustenta sobre o que há de mais leve, as nuvens e o vento; e dirige o olhar para aquilo que só pode se revelar por uma visão indireta, por uma imagem capturada no espelho. Sou tentado de repente a encontrar nesse mito uma alegoria da relação do poeta com o mundo. (CALVINO, 1990)

Essa leveza característica do fazer artístico ou poético é o que traria a ‘salvação da humanidade’. E o olhar indireto arriscaria dizer que seria a metáfora para a ideia de metáfora, sendo próprio do poeta ver e apresentar o mundo sob uma perspectiva diferente. No texto, o autor também trata de definir a leveza a qual se refere, deixando claro que com o termo ele não pretende fazer apologia à superficialidade:

A leveza para mim está associada à precisão e à determinação, nunca ao que é vago ou aleatório. Paul Valéry foi quem disse: “É preciso ser leve como o pássaro e não como a pluma.” (CALVINO, 1990)

Tendo realizado os desenhos em papéis coloridos, com mais realismo e investindo mais na massa das figuras, apliquei esse mesmo tratamento ao primeiro desenho do *Estudo sobre a insônia*.

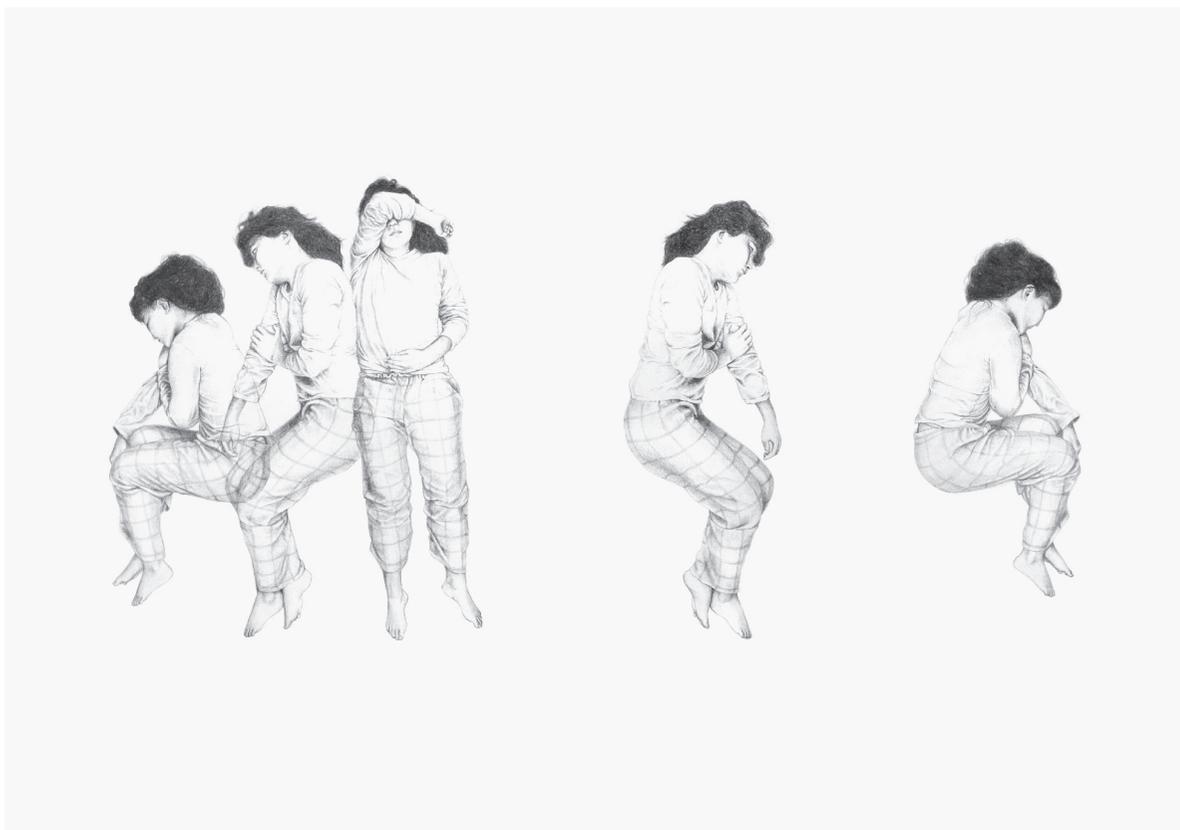


Fig. 13. Louise Kanefuku. *Estudo sobre a insônia*, 2014. Grafite e giz de cera sobre papel. 1,5 m x 2 m

Pelo detalhamento e pelas dimensões a que me propus desenhar, outro conceito passou a ser relevante no desenvolvimento do trabalho: o tempo.

Vivemos sob uma demanda incessante de tempo. Na célebre frase de Benjamin Franklin, ‘tempo é dinheiro’ e na sociedade capitalista os esforços parecem ser todos voltados ao aumento da produção e do consumo. Como um ato de resistência a essa lógica, desenhar por dias em frente a um papel parece-me libertador. Durante aquelas horas não é preciso se preocupar com mais nada, o que no sentido emancipatório se assemelha ao ato de dormir.

O investimento de tempo na construção de uma imagem, tornou-se uma opção desde a invenção dos dispositivos de captação instantânea da imagem: máquinas fotográficas e filmadoras. Como discorre Tereza Poester em artigo para a Porto Arte, o surgimento destes equipamentos, assim como liberta o desenho e a pintura de sua função representativa, confere a eles o desafio de encontrar novas atribuições.

O artista contemporâneo conta com uma abundância crescente de meios de expressão e suas escolhas se tornaram o próprio conteúdo de seu trabalho. Sua filosofia se revela na forma de expressão escolhida e na maneira como esta se inscreve no sistema de arte. Pintar ou desenhar, hoje, representa uma tomada de posição, uma atitude a ser sustentada. (POESTER, 2005)

Nesta tomada de posição, retomo as ideias de John Berger sobre o desenho. Segundo ele, um desenho ou uma pintura possuem uma dimensão diferente do tempo.

Uma fotografia desafia a desapareição mas seu desafio é diferente daquele do fóssil ou do desenho. O fóssil é o resultado do acaso, a imagem fotografada foi selecionada para a preservação, a imagem desenhada contém a experiência do olhar. Uma fotografia é a evidência do encontro entre o evento e o fotógrafo. Um desenho questiona lentamente a aparência de um evento e, ao fazer isso, nos lembra que as aparências são sempre uma construção com uma história (...) Considerando que um desenho ou uma pintura nos forçam a parar e a penetrar no seu tempo; uma fotografia é estática porque ela parou no tempo. Um desenho ou pintura são estáticos porque eles *abrangem o tempo* (grifo meu). (BERGER, 1993)



Fig. 14. Louise Kanefuku. Detalhe de *Estudo sobre a insônia*. 2014.

Em Santo Agostinho o tempo é uma criação de Deus que só faz sentido para nós, seres que não vivemos na eternidade. Segundo seu pensamento, o futuro é uma projeção que fazemos sobre as coisas que esperamos ou tememos que aconteçam mas que de fato não existe ainda em nenhum lugar; enquanto o passado nada mais é do que as memórias que temos de um presente que já passou e, portanto, também não existe mais. Assim, o único tempo passível de existência é o presente. Entretanto, o presente não possui extensão, visto que no momento em que nos demos conta dele, ele já passou.

Na eternidade, ao contrário, nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente. Esse tal verá que o passado é impelido pelo futuro e que todo o futuro está precedido de um passado, e todo o passado e futuro são criados e dimanam d'Aquele que é sempre presente. (AGOSTINHO, 2004)

Santo Agostinho nos diz que estar no presente nos conecta à eternidade e à Deus. De forma semelhante, na filosofia budista, uma das limitações do ser humano é estar sempre com a mente no passado ou no futuro, deixando de estar 'no aqui e no agora'. Possuo um interesse no budismo, e de forma análoga à crença que leva os budistas tibetanos a encherem de pinturas detalhadas as paredes de seus templos, acredito que através do ato de desenhar seja possível aumentar a densidade do presente, reduzindo nossas preocupações com coisas passadas ou futuras. “Trabalho de chinês preso” disse um dos meus amigos ao ver os desenhos desta série. “Ou de japonês solto”, respondi prontamente.

Esquecerei as coisas passadas. Preocupar-me-ei sem distração alguma, não com as coisas futuras e transitórias, mas com aquelas que existem no presente. (AGOSTINHO, 2004)

Estudo sobre a insônia:

o sono, o sonho, a água e a suspensão.

Ao final do ano de 2014, surgiu a oportunidade de expor no Espaço de Artes da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), o que me incentivou a seguir esta série. Quis permanecer com a mesma temática, mas com uma abordagem diferente. Foi então que surgiu a ideia de produzir uma imagem de sonho, em que meu corpo aparecesse flutuando.

Uma das origens dessa ideia, é o *making off* da produção de fotos do artista Seung Mo Park que também serviram de referência para uma série de suas esculturas/desenhos. Para as fotos, o artista utilizou modelos femininas com vestidos esvoaçantes que intensificavam a sensação de flutuação, trazendo leveza à imagem. Nesta série, intitulada *Maya*, Seung Mo Park constrói suas imagens através da sobreposição de camadas de telas de arame, e as corta de acordo com a densidade desejada. Assim, nas partes mais claras, não há camadas de arame e nas partes mais escuras, há a sobreposição de diversas camadas.

Pratiquei natação por muitos anos e, por isso, possuo uma relação intensa com a água. Com a ideia de inserir o estado de sono na série *Estudo sobre a insônia*, a simulação de uma situação de flutuação convergiu com o desejo de tirar as fotos subaquáticas. A partir de sketches (Fig. 16) foi possível guiar uma segunda pessoa que tirou as fotos.

A imersão na água, transmite a sensação de flutuação pois, nesse ambiente, a gravidade fica reduzida. Nos desenhos, procurei subtrair das imagens a água e a piscina ao redor para simular um vôo, mas nota-se a presença indireta da matéria na sua interação com a roupa e os cabelos. Nestas imagens torna-se mais evidente a ideia de leveza e suspensão. Para mim, o sono não deixa de ser um momento em que o peso da existência se encontra em suspensão. Na obra *O mundo como vontade e representação* Schopenhauer desenvolve a tese de que a existência é extremamente dolorosa e nós estamos condenados a essa dor e ao fardo de sermos nós mesmos até o fim das nossas vidas.



Fig. 15. Seung Mo Park. *MAYA813*, 2011. Malha de fios de aço inoxidável. 171 x 30 x 171cm

Os desenhos desenvolvidos a partir das fotos subaquáticas se referem à um sentimento contrário a esse peso: a leveza. No sonho e no sono, estamos livres deste fardo. Também em Schopenhauer, uma das formas de resistir ao sofrimento existencial é a contemplação. Segundo ele, todo o sofrimento humano é causado por uma vontade constante que nunca se satisfaz e, no momento da contemplação, essa vontade estaria momentaneamente suspensa.

Na obra *A água e os sonhos* de Gaston Bachelard, o autor propõe que, na verdade, este ato também é movido por outra vontade: a de contemplar. Vontade essa que creio mover o trabalho do artista, no meu caso em particular, a vontade de me ver voando, conseqüente do desejo de voar.

Em Jonathan Crary, o peso da existência estaria agravado pelas demandas do nosso sistema de produção. No livro *24/7 Capitalismo tardio e os fins do sono*, o autor trata o sono como último refúgio do ser humano no mundo capitalista, que já teria se apropriado de quase todos os outros momentos da existência humana.

A maioria das necessidades aparentemente irreduzíveis da vida humana - fome, sede, desejo sexual e recentemente a amizade - foi transformada em mercadoria ou investimento. O sono afirma a ideia de uma necessidade humana e de um intervalo de tempo que não pode ser colonizado nem submetido a um mecanismo monolítico de lucratividade, e desse modo permanece uma anomalia incongruente e um local de crise no presente global. (...) A verdade chocante, inconcebível, é que nenhum valor pode ser extraído do sono. (CRARY, 2014)

Segundo Crary, no capitalismo avançado as pessoas não precisariam mais dormir e assim poderiam consumir e produzir 24 horas por dia, 7 dias por semana. Curiosamente, a preocupação com a falta de dinheiro é a principal causa de insônia no mundo², enquanto em populações como o San e o Tsimane, que mantêm formas de vidas mais primitivas nem sequer existe uma palavra que corresponda ao termo insônia³, indicando que este pode ser um distúrbio sintomático das demandas do mundo moderno.

2. Segundo pesquisa global realizada pela Associação Mundial de Medicina do Sono em parceria com a Philips

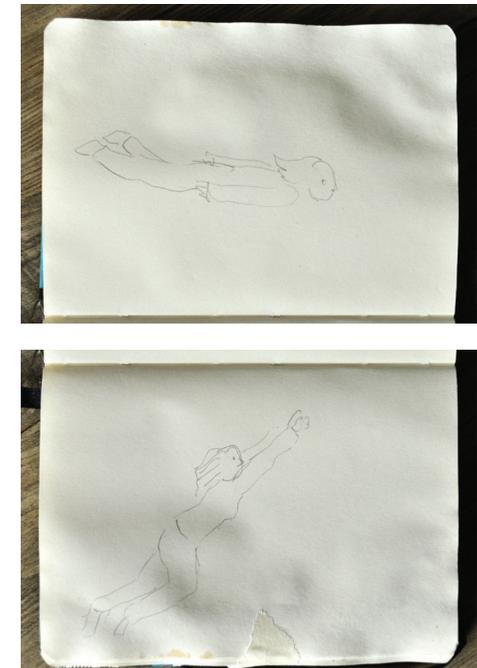


Fig. 16. Louise Kanefuku. Sketches para as fotos referenciais do *Estudo sobre a insônia*, 2014.

Também para Crary, no sono estamos livres dos sofrimentos que nos afligem quando acordados.

O sono é uma remissão, uma liberação da “permanente continuidade” de todas as tendências em que estamos imersos quando acordados.[...] É uma forma de tempo que nos leva a outro lugar que não às coisas que possuímos ou de que supostamente precisamos. (CRARY, 2014)

No texto *Através*, Flávio Gonçalves cita Leonardo Da Vinci e somos lembrados de que, além do peso psíquico da existência, estamos constantemente expostos à força da gravidade, que faz pesar nossos corpos e as coisas que nos rodeiam.

Um dia abro aleatoriamente a página de um livro e leio a seguinte frase: ‘Todo corpo pesado que cai livremente se dirige para o centro do mundo’ (VINCI, vol.1, p.613). Mesmo que hoje tenhamos isso como uma obviedade, a forma como foi dito revelou para mim a extensão dessa concepção. Um corpo não cai simplesmente no chão, mas é atraído para o centro da terra. (...) Tudo, pessoas, objetos, gestos são atraídos constantemente para esse ponto onde, quem sabe, nem tempo nem espaço existam.(...) Em contrapartida, o que seria a projeção senão o desejo de escapar, de elevar-se e transcender essa força que assujeita a matéria? (GONÇALVES, 2013)

Por mais inconsciente que seja, penso que este peso está fortemente presente nos nossos dias. A cada passo que damos, a cada vez que nos mantemos de pé, estamos resistindo à força que a gravidade exerce sobre nós. Todos os dias, 24 horas por dia. Não é comum pensarmos sobre isso, mas estamos sujeitos a quedas e desastres praticamente o tempo todo. A maioria das grandes tragédias é causada por essa tendência: terremotos, quedas de aviões, de bombas, de prédios etc. Talvez por isso a leveza e a possibilidade de voar nos sejam tão sedutoras.

3. No portal da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), acessado em 23 de outubro de 2015.



Fig. 17. Louise Kanefuku. Fotos referenciais do *Estudo sobre a insônia*. 2014.

Assim, acredito que a ideia de suspensão e leveza são as que permeiam a poética do trabalho, pois no desenho as coisas podem estar em suspensão; assim como na água; assim como no sonho e assim como no sono se encontra o peso de existir.

Desenho e sonho também se aproximam a medida em que em ambos é possível projetar o que não pode ser experienciado em condições normais do mundo real. Segundo a concepção freudiana, o sonho é movido pelo desejo⁴, que evoca memórias do passado e permite ao sonhador, de alguma maneira, satisfazer anseios. Afirmação em que a palavra ‘sonho’ poderia tranquilamente ser substituída por ‘desenho’.

Na água, assim como no sonho e no desenho, as coisas acontecem de um modo distorcido. O som, a gravidade, a visibilidade e a nossa percepção em geral se encontra alterada. O que permite a Bachelard afirmar que ‘a água é a matéria em que a Natureza, em reflexos comoventes, prepara os castelos do sonho’ (BACHERLARD, 1997). A água entrou no processo de uma maneira bastante pragmática (através da tentativa de anular a força da gravidade) mas foi se revelando portadora de uma série de metáforas que conversam com as ideias norteadoras do meu trabalho. Bachelard associa, por exemplo, a água ao sonho e ao tempo:

O verdadeiro olho da terra é a água. Nos nossos olhos, é a *água* que sonha. Nossos olhos não serão ‘essa poça inexplorada de luz líquida que Deus colocou no fundo de nós mesmos?’ Na natureza, é novamente a água que vê, é novamente a água que sonha. ‘O lago fez o jardim. Tudo se compõe em torno dessa água que pensa’. Tão logo nos entregamos inteiramente ao reino da imaginação, como todas as forças reunidas do sonho e da contemplação, compreendemos a profundidade do pensamento de Paul Claudel: ‘A água, assim, é o olhar da terra, seu aparelho de olhar o *tempo*’.

(BACHERLARD, 1997)

4. Em RIBEIRO, Sidarta. Limiar, uma década entre o cérebro e a mente. Rio de Janeiro : Vieira & Lent, 2015.



Fig. 18. Louise Kanefuku. *Sem título, Série Estudo sobre a insônia*. 2015. Desenho em grafite e giz de cera. 100 x 69 cm.

O desenho acima foi o primeiro trabalho realizado a partir das fotos subaquáticas.

Nos desenhos seguintes tive a preocupação de escolher as figuras a partir das fotos que mais enfatizavam a flutuação e transmitiam a ideia de leveza. Procurei reforçar estes elementos através da composição e da utilização consciente dos espaços vazios.



Fig. 20. Louise Kanefuku. *Estudo sobre a insônia II*, 2015. Desenho em grafite, lápis aquarelável e giz de cera. 1,5 x 2,1 m.



Fig. 19. Louise Kanefuku. *Estudo sobre a insônia III*, 2015. Desenho em grafite, lápis aquarelável e giz de cera. 1,5 x 2,3 m.



Fig. 22. Louise Kanefuku. *Estudo sobre a insônia V*, 2015. Desenho em grafite, lápis aquarelável e giz de cera. 1,5 x 2,1 m.



Fig. 21. Louise Kanefuku. *Estudo sobre a insônia IV*, 2015. Desenho em grafite, lápis aquarelável e giz de cera. 1,5 x 2,1 m.

Para a exposição no Espaço de Artes da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), pensei em construir uma espécie de paisagem, onde o primeiro desenho da série fosse confrontado com os demais, colocando-o no fundo da sala, enquanto os outros estariam nas laterais (dois em cada lado da sala). Minha intenção foi reforçar o contraste entre a angústia da insônia, representada no primeiro desenho, e a tranquilidade do sono presente nos demais. Como a sala é pequena e estreita, o espectador teria um primeiro contato com a ideia da inquietação e, depois, dentro da sala de exposição ele poderia ver as imagens do sono (e da libertação).

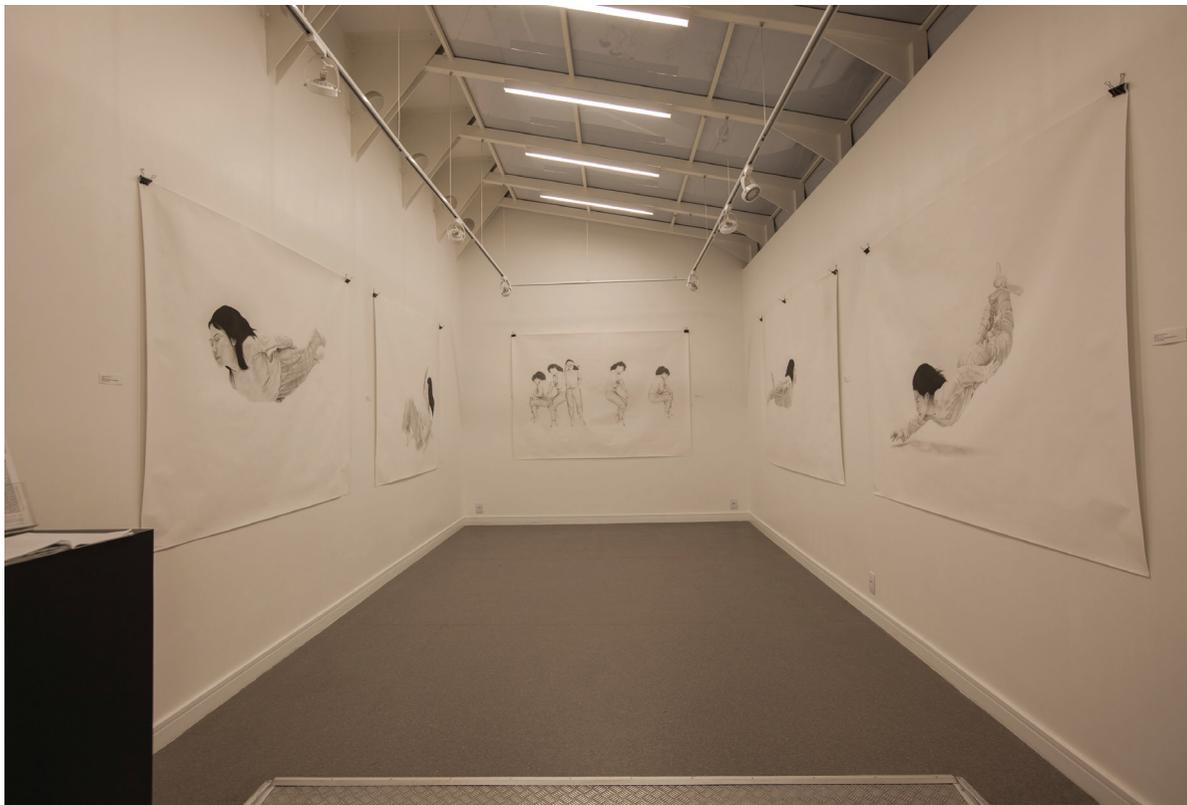


Fig. 23. Raul Krebs. Registro fotográfico da exposição *'Estudo sobre a insônia'*. 2015.

Durante a exposição recebi o convite da Editora Azulejo para criar um livro de artista e pude apresentar parte da série *Estudo sobre a insônia* em um formato diferente. Formado por um pôster, postais e um livreto, este material apresenta as fotos referenciais junto com os desenhos sem competir com eles.



Fig. 24. Editora Azulejo. Registro fotográfico do livro de artista *'Estudo sobre a insônia'*. 2015. 15,5 x 22,3 cm.

Estudo sobre a insônia:

seus desdobramentos, o peso e a melancolia.

Concluída a exposição, procurei dar seguimento à série utilizando novas estratégias. Entretanto, não estava claro para mim que estratégias seriam estas, de modo que iniciei um período de exploração.

Minha primeira tentativa começou com uma sequência de novas fotos que remetiam novamente à insônia e a utilização destas em desenhos menores. Desta vez, as fotos foram tiradas com camisola, um travesseiro e um cobertor, elementos que fazem parte do universo do insone. Com a mancha preta que se originaria da camisola e o retorno à temática da insônia, a intenção também era a conferir mais peso à imagem.

Em Milan Kundera a oposição entre peso e leveza é mais ambígua que em Italo Calvino. Ao longo de *A insustentável leveza do ser*, o autor mostra como estes pólos guiam as decisões mais importantes das nossas vidas e como a leveza, levada ao extremo, é insustentável.

O mais pesado dos fardos nos esmaga, verga-nos, comprime-nos contra o chão. Na poesia amorosa de todos os seculos, porém, a mulher deseja receber o fardo do corpo masculino. O mais pesado dos fardos é, portanto, ao mesmo tempo a imagem da realização vital mais intensa. Quanto mais pesado é o fardo, mais próxima da terra está nossa vida, e mais real e verdadeira ela é.

Em compensação, a ausência total de fardo leva o ser humano a se tornar mais leve do que o ar, leva-o a voar, a se distanciar da terra, do ser terrestre, a se tornar semi-real, e leva seus movimentos a ser tão livres como insignificantes. (KUNDERA, 1929)



Fig. 25. Louise Kanefuku. *Sem título*, série *Estudo sobre a insônia* 2015. Desenho em grafite, lápis aquarelável e pastel seco. 65 x 41 cm.



Fig. 27. Louise Kanefuku. *Sem título*, série *Estudo sobre a insônia* 2015. Desenho em grafite, lápis aquarelável e pastel seco. 81,5 x 69 cm.



Fig. 26. Louise Kanefuku. *Sem título*, série *Estudo sobre a insônia* 2015. Desenho em grafite, lápis aquarelável e pastel seco. 100 x 69 cm.

Nestes últimos desenhos também surgiu a ideia de aplicar água, utilizando o movimento e a interação da matéria com o lápis aquarelável como recurso para criar algo novo, que fugisse parcialmente do meu controle. Como observou o professor Flávio Gonçalves em uma das conversas de orientação, ‘no desenho o que vemos é, na verdade, a memória da água’. O registro do movimento e da forma que a água tomou.

Nessas imagens em particular, a memória da água confere um ar melancólico e indica a aparente fonte desta tristeza: a cabeça. Em Bachelard, a água é essencialmente associada a esse sentimento.

O ser voltado à água é um ser de vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente. A morte cotidiana não é a morte exuberante do fogo que perfura o céu com suas flechas; a morte cotidiana é a morte da água. A água corre sempre, a água cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal. Em numerosos exemplos veremos que para a imaginação materializante a morte da água é mais sonhadora que a morte da terra: o sofrimento da água é infinito. (BACHELARD, 1997)

Em outra passagem melancólica o autor reproduz um trecho da obra de Paul Claudel em que a água serve de sepultura para as sombras das árvores que se desprendem delas a cada entardecer.

‘Eu imaginava que cada sombra, a medida que o sol descia mais baixo, sempre mais baixo, separava-se pesarosamente do tronco que lhe dera nascimento e era absorvida pelo regato, enquanto outras sombras nasciam a cada instante das árvores, tomando o lugar de suas primogênitãs defuntas’. Enquanto estão presas à árvore, as sombras ainda vivem: morrem ao deixá-la; e a deixam morrendo, sepultando-se na água como uma morte mais negra. [...] Cotidianamente a tristeza nos mata. A tristeza é a sombra que cai na água. (BACHELARD, 1997)

Penso que o termo ‘tristeza cotidiana’ seja uma chave para a compreensão do sentimento a que meus desenhos remetem. Trato de uma tristeza e de um peso que experienciamos aos poucos, noite após noite, ao longo de nossa existência. Em mais um exemplo literário, no livro *Sono* de Haruki Murakami, a personagem principal é acometida por uma insônia que perdura meses. Em sua última noite de sono, anterior ao seu período de insônia, ela acorda com um pesadelo em que é completamente banhada de água por uma figura sombria e desconhecida. Casada e com um filho, a personagem possui uma pacata



Fig. 28. Kat Menschik. Ilustração do livro *Sono* de Haruki Murakami. 2015.

vida de dias iguais. Durante as noites em que não consegue dormir, a personagem passa do desespero ao conformismo e vai aos poucos percebendo que acordada à noite teria tempo livre para fazer o que realmente gosta, sem a obrigação de dar satisfação aos outros. Para o leitor, fica o entendimento de que sua insônia é o resultado de um sufocamento gradual e silencioso que nem a própria vítima pôde notar.

Também no cinema não é raro encontrar a associação entre a tristeza e a água. No filme *As Horas* de Stephen Daldry, assistimos o drama de três mulheres que sofrem sobrepondo o desejo e a satisfação dos outros em detrimentos dos seus. O filme começa e termina com a tentativa de suicídio de uma delas, Virgínia Woolf, no leito de um rio. Além disso, outra personagem, Laura Brown, encontra-se grávida e prepara a festa de aniversário de seu marido enquanto planeja seu suicídio. Na cena em que ela supostamente irá se matar, adormece e sonha com um enorme fluxo de água invadindo o seu quarto. É quando ela acorda e decide que não conseguirá fazê-lo.

Mais uma vez, reitero o fato de que essas associações surgiram *a posteriori*. Tanto o livro de Murakami quanto o filme *As Horas* foram vistos depois de eu ter desenvolvido os trabalhos. Mas creio que eles reflitam uma associação que está no inconsciente coletivo, que também, suponho, tenha me influenciado na criação dos desenhos.

Ainda em fase exploratória, procurei não me deter muito ao desenvolvimento de uma série uniforme, mas explorar outras possibilidades em torno do tema. No trabalho seguinte, criei um desenho feito de sombra. Através do uso de caneta Posca no acetato, foi possível traçar uma figura que é mais visível enquanto sombra do que enquanto matéria. Um desenho materialmente etéreo e leve, mas representativamente denso. No título '*A sombra do que é claro também é escura*', me refiro aos momentos sombrios da vida a que estamos todos sujeitos, por mais alegres que sejamos.

Paralelamente a estes trabalhos, dei seguimento a uma outra ideia, que era a de materializar os meus sonhos, ou o que posso recordar deles. Na obra do artista contemporâneo Jim Shaw encontramos diversos



Fig. 29. Stephen Daldry. *Stills* do filme *As Horas*. 2003.

exemplos de como isso poderia ser feito. Em alguns dos desenhos de *Dream Drawings*, o artista narra seus sonhos através de uma história em quadrinhos; e em *Dream Objects* ele desenha ou esculpe objetos de seus sonhos. Destes trabalhos saiu a inspiração para criar os *Souvenirs do inconsciente*, uma pequena série que conta com a narrativa de três sonhos (em anexo) e seus respectivos *souvenirs*.



Fig. 31. Louise Kanefuku. 'Souvenirs do inconsciente'. Série 'Estudo sobre a insônia'. 2015.



Fig. 30. Louise Kanefuku. *A sombra do que é claro também é escura*. Série 'Estudo sobre a insônia'. 2015. Caneta Posca sobre acetato. 21 x 11 cm

Na escolha do suporte para a narrativa do sonho, o papel manteiga lembra a leveza dos papéis de carta e na máquina de escrever encontrei algo que, além de possuir um aspecto nostálgico, estava no meio termo

entre a informalidade de algo feito à mão, e a frieza de um texto escrito no computador. Este trabalho concretiza um desejo de trazer para o mundo real um pouco do meu universo onírico. Essa passagem normalmente resulta em uma pequena decepção, pois nos sonhos estão contempladas uma série de sensações, sentimentos e todo um ambiente que não se pode materializar. Por isso, a escolha por uma tentativa menos literal. Com os *souvenirs*, a ideia é que o espectador possa, através de sua imaginação, preencher a lacuna entre o mundo real e o dos sonhos.

O tema dos sonhos já foi amplamente explorado na história da arte, sendo o Surrealismo o movimento em que sua utilização foi mais marcante. Nele, o inconsciente é evocado em detrimento do que pensamos em estado de vigília. Influenciados pelas pesquisas de Freud, os surrealistas acreditavam que através dos sonhos teríamos acesso ao inconsciente e que este conteria uma sabedoria ancestral e uma potência criativa muito maior do que a que temos acesso em nossa racionalidade enquanto acordados.

Em um trecho do manifesto surrealista, André Breton opõe a loucura à atitude racional, defendendo os loucos em geral, numa perspectiva bastante romantizada da loucura.

Todos sabem, com efeito, que os loucos não devem sua internação senão a um reduzido número de atos legalmente repreensíveis, e que, não houvesse estes atos, sua liberdade (o que se vê de sua liberdade) não poderia ser ameaçada. Que eles sejam, numa certa medida, vítimas de sua imaginação, concordo com isso, no sentido de que ela os impele à inobservância de certas regras, fora das quais o gênero se sente visado, o que cada um é pago para saber. *Mas a profunda indiferença de que dão provas em relação às críticas que lhe fazemos, até mesmo quanto aos castigos que lhes são impostos, permite supor que eles colhem grande conforto em sua imaginação e apreciam seu delírio o bastante para suportar que só para eles seja válido (grifo meu).* E, de fato, alucinações, ilusões, etc. são fonte de gozo nada desprezível. A mais bem ordenada sensualidade encontra aí sua parte, e eu sei que passaria muitas noites a amansar essa mão bonita nas últimas páginas do livro. A Inteligência de Taine, se dedica a singulares malefícios. As confidências dos loucos, passaria minha vida a provocá-las. São pessoas de escrupulosa honestidade, cuja inocência só tem a minha como igual. Foi preciso Colombo partir com loucos para descobrir a América. E vejam como essa loucura cresceu, e durou.

Não é o medo da loucura que nos vai obrigar a hastear a meio-pau a bandeira da imaginação. [...]



Fig. 32. Jim Shaw. *Dream Object*. 2004.

Ao contrário, a atitude realista, inspirada no positivismo, de São Tomás a Anatole France, parece-me hostil a todo impulso de liberação intelectual e moral. Tenho-lhe horror, por ser feita de mediocridade, ódio e insípida presunção. É ela a geradora hoje em dia desses livros ridículos, dessas peças insultuosas. Fortifica-se incessantemente nos jornais, e põe em xeque a ciência, a arte, ao aplicar-se em bajular a opinião nos seus critérios mais baixos; a clareza vizinha da tolice, a vida dos cães. Ressente-se com isso a atividade dos melhores espíritos; a lei do menor esforço afinal se impõe a eles como aos outros. (BRETON, 1924)

Ignorando o sofrimento real dos loucos que não obtém nenhuma satisfação com seus delírios, Breton se posiciona a favor da loucura numa perspectiva surrealista, como uma postura a ser adotada para que não nos deixemos limitar pela racionalidade. Mesmo que esteticamente meu trabalho não remeta ao movimento surrealista, de maneira geral, procuro manter esse espírito anti-racionalista no processo criativo, deixando-me guiar pela intuição e pela imaginação, evitando que a condução lógica do trabalho tire sua espontaneidade.



Fig. 33. Louise Kanefuku. *Sem título*, série *Estudo sobre a insônia* 2015. Desenho em grafite, lápis aquarelável e pastel seco. 3 x 50 x 65 cm.

Voltando ao desenvolvimento dos trabalhos, criei o tríptico acima em que retorno ao uso das fotos subaquáticas. Nesses desenhos, utilizo-as em sequência, remetendo às histórias em quadrinhos e criando uma breve narrativa.

Tendo passado um período longe dos desenhos grandes, esta composição me motivou a voltar para o grande formato. Unindo as figuras em uma única composição, chego ao desenho a seguir. Este desenho resgata a narrativa originada dos quadrinhos, presente no primeiro trabalho da série. Nele, a sequência de posições sugere um movimento de propulsão e uma continuidade para um lugar indeterminado.



Fig. 34. Louise Kanefuku. *Estudo sobre a insônia VI*, 2015. Desenho em grafite e lápis aquarelável sobre papel. 1,5 x 4,5 m.

Novamente interessada pela presença que impõe um grande desenho, crio este trabalho ao lado, com uma das fotos utilizadas no primeiro desenho da série. Nele, meu corpo é representado em formato maior que o real.

Em seguida, conheci as fotos de Francesca Woodman. Fotógrafa norte-americana pouco reconhecida em sua época, acabou por suicidar-se aos 22 anos, fato que atribui um ar mórbido à sua obra. Francesca também é a principal modelo de suas fotos. Em um de seus trabalhos, a artista interage com uma linha, que supostamente teria sido traçada sobre a foto, imagem que me impactou e me encaminhou para a criação de uma série de fotos (Fig. 36 a 38).

Recordo-me de quando criança ficar encantada pela interação de desenhos com a realidade, visível no filme *Uma cilada para Roger Rabbit*, por exemplo. A possibilidade de interagir com um desenho sempre foi fascinante para mim. Talvez a interação real com um desenho ainda não seja possível mas, através destas fotos, tenho a possibilidade de me *ver* interagindo com um desenho. Elas remetem a esse antigo desejo e a consciência de que trato de diferentes níveis de representação. Mesmo que se pretenda realista, o desenho ainda é muito diferente da realidade, enquanto a foto que se pretende ainda mais real, também não passa de uma representação. Na foto, o que vemos não é a realidade, mas a encenação de uma pessoa que interage com o desenho de si mesma.



Fig. 35. Louise Kanefuku. Sem título, série *Estudo sobre a insônia*. 2015. Grafite e lápis aquarelável sobre papel. 1,5 m x 2,7 m.



Fig. 36. Louise Kanefuku. *Sem título*, série *Estudo sobre a insônia*. Impressão em papel fotográfico. 60 cm x 84 cm.



Fig. 37. Louise Kanefuku. *Sem título*, série *Estudo sobre a insônia*. Impressão em papel fotográfico. 60 cm x 84 cm.



Fig. 38. Louise Kanefuku. *Sem título*, série *Estudo sobre a insônia*. Impressão em papel fotográfico. 60 cm x 84 cm.

Considerações finais de um percurso em andamento

Apesar de serem as considerações finais desta monografia, considero que meu o processo ainda esteja em andamento, da mesma forma que a minha análise sobre ele. Nesse texto trouxe algumas referências e pensamentos que acredito serem relevantes para as minhas escolhas mas penso que a compreensão do trabalho se dará mais com o passar do tempo e com sua exposição no mundo, do que pelas ponderações que faço hoje. Frequentemente, a opinião ou o depoimento de uma outra pessoa, fornece uma chave de entendimento sobre meus trabalhos, a qual dificilmente teria acesso por conta própria.

Mesmo que distante de ‘explicar a obra’, o exercício de colocar algumas ideias no papel, relacionando-as com a poética do meu trabalho foi satisfatória. É interessante observar neste texto um fluxo, que para mim muitas vezes pareceu truncado e desconexo, ganhar um pouco de fluidez e sentido.

Percebo que recorrer para a oposição - da insônia para o sono, do pequeno para o grande, do leve para o pesado - tem servido como um recurso constante para que eu me mantenha em movimento. Durante o desenvolvimento dos trabalhos e desta monografia, algumas vezes, a obrigação da entrega bloqueou o andamento do trabalho. Graças à essa experiência foi possível identificar estratégias que me levam à ação mesmo quando não estou sendo guiada pela inspiração.

No texto *Reflexões Críticas: na cama com Madonna*, o crítico de arte Thierry de Duve discorre sobre seu critério de escolha das obras que irá analisar. Para ele, o ponto de partida é confiar nas suas próprias questões, na relevância delas e no fato de que, se elas são importantes para ele, possivelmente sejam para outras pessoas. ‘Quando elas aparecem, ocorre um lampejo de reconhecimento (...). E o que você reconhece, sem ‘conhecer’, é o seu ponto obscuro momentâneo (DUVE, 2004). Ao reconhecer em uma obra uma questão que lhe é relevante, é dada a largada para o seu trabalho.

Como espectadora, creio utilizar o mesmo critério para considerar uma obra interessante ou não. Penso

que para que seja possível reconhecer em uma obra uma questão minha, é preciso que o artista também tenha dado valor a ela. Quando isso acontece, se estabelece um laço de cumplicidade entre nós. Para além disso, em alguns casos, o simples fato do artista ter valorado suas questões me provoca comoção, independentemente de eu tê-las como importante. Quando vejo obras como as *Torqued Spiral* de Richard Serra ou *A fê move montanhas* de Francys Alys, penso no quanto o artista levou sua proposição a sério e como ele, por assim fazê-lo, fez com que outros ao seu redor também o fizessem. Nesse ponto se cria uma cumplicidade de artista para artista. Penso no quanto gostaria de ter uma proposição que levasse tão a sério a ponto de ‘mover montanhas’ como fez Francys Alys.

O que quero dizer com essa passagem é que vejo neste trabalho de conclusão de curso um pequeno passo na direção de tornar minhas questões mais claras, para poder propô-las com mais sinceridade. A compreensão sobre os motivos que me levaram a representar a insônia estão bem mais claros agora do que inicialmente. Vejo em meus desenhos muitos dos meus sentimentos serem revelados, percebo neles um tom confessional. Retomo a ideia inicial ao relacionar os desenhos com os sonhos e penso que expôr um desenho, também é mostrar ao mundo algo que é extremamente íntimo, assim como ocorre quando contamos nossos sonhos. Falar sobre os nossos desenhos é falar sobre nós mesmos. Fazer esta monografia não deixou de ser um processo de autoconhecimento.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo. Martins Fontes. 1997

BARSON, Tânia. *Mira Schendel*. Catálogo da exposição realizada no Tate Modern, Londres, , no Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto e na Pinacoteca do Estado de São Paulo. São Paulo Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014.

BERGER, John, Drawn to that Moment. In: *The Sense of Sight: writings*. New York: Vintage Books, 1993. Trad. Flávio Gonçalves.

BRETON, André. *Manifesto Surrealista*. In: Marxists Internet Archive. 1924.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução Ivo Barroso. Companhia das Letras, 1990.

CRARY, Jonathan. *24/7 - Late Capitalism and the Ends of Sleep*. Tradução: Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DEXTER, Emma. *Vitamin D: New Perspectives on Drawing*. Londres. Phaidon. 2005.

DUVE, Thierry De. Reflexões Críticas: na cama com Madonna. In: *Concinnitas Revista do Instituto de Artes da UERJ*. Ano 6. N° 7, dezembro, 2004.

GONÇALVES, Flávio. Um percurso para o olhar: desenho e a terra. In: *Porto Arte Revista de Artes Visuais*. v. 13. n° 23, 2005.

_____. Através. In: *Revista Valise* (publicação on-line - <http://seer.ufrgs.br/RevistaValise/index> - v.3, n.5, 2013, p. 97-108).

KUNDERA, Milan, 1929. *A insustentável leveza do ser* / Milan Kundera; tradução Teresa Bulhões Carvalho e Fonseca. São Paulo : Companhia das Letras, 2008.

MARQUES, Maria Eduarda. *Mira Schendel*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

MURAKAMI, Haruki. *Sono* / Haruki Murakami; ilustração Kat Menschik; Tradução Lica Hashimoto. 1 ed. Rio de Janeiro : Objetiva, 2015.

POESTER, Tereza Souza. Sobre o desenho. In: *Porto Arte*. Porto Alegre, v.13,n.23, nov. 2005, p. 49-58.

RIBEIRO, Sidarta. *Limiar, uma década entre o cérebro e a mente*. Rio de Janeiro : Vieira & Lent, 2015.

SANTO AGOSTINHO. O homem e o tempo. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2006.

WARE, Chris. *Building Stories*. Pantheon, 2012.

TESES E DISSERTAÇÕES

DABLE, Guilherme. *Tempo como matéria, tarefa como possibilidade: música improvisada e imagens despojo*. Dissertação de mestrado apresentada no Instituto de Artes/UFRGS em 2012.

DUZZO, Flávia de Lima. *Ausências no desenho: áreas de não desenho, apagamento e desgaste*. Tese de doutorado apresentada no Instituto de Artes/UFRGS em 2014.

HERZOG, Vivian. *Desenho Reservatório de Véstígios*. Dissertação de mestrado apresentada no Instituto de Artes/UFRGS em 2011.

WEBSITES

Click RBS

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/04/mario-rohnelt-ganha-exposicao-de-retrospectiva-no-margs-de-porto-alegre-4472059.html> Acessado em 14 de Maio de 2015

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/05/acorianos-de-artes-plasticas-apontavencedores-na-terca-4491501.html> Acessado em 14 de Maio de 2015

MoMA

<http://www.moma.org/collection/works/94490?locale=en> Acessado em 23 de Outubro de 2015

Marxists Internet Archive

<https://www.marxists.org/> Acessado em 22 de Novembro de 2014

Relatório de pesquisa mundial sobre o sono ‘Global Sleep Survey’

<https://www.sleepapnea.com/worldsleepday/Sleep-survey-report-FINAL.pdf> Acessado em 23 de Outubro de 2015

Seung Mo Park - Site do Artista

www.seungmopark.com Acessado em 8 de Abril de 2015

Tate

<http://www.tate.org.uk> Acessado em 22 de Novembro de 2015

Portal de notícias da UCLA

<http://newsroom.ucla.edu/releases/our-ancestors-probably-didnt-get-8-hours-a-night-either> Acessado em 23 de Outubro de 2015

Filmes

THE HOURS. Direção Stephen Daldry. Produção Paramount Pictures, 2003. 114 min. Áudio Dolby Digital DTS, Colorido. 35 mm.

WHO FRAMED ROGER RABBIT. Direção Robert Zemeckis. Disney / Buena Vista. 1988. 103 min. Colorido. 35 mm

ANEXOS

Texto do professor Éder Silveira (historiador) para a exposição ‘Estudo sobre a insônia’.

Estudo sobre a insônia

Uma das características mais marcantes da prosa de Samuel Beckett é a tensão por ele estabelecida entre a extrema fragilidade de seus personagens, muitos dos quais são apresentados parcialmente enterrados em barris, presos no lodo ou ainda reduzidos a uma boca e à força que os impele a falar. Mesmo no limite, eles falam. Mesmo negando, lutando com os limites da palavra, eles não calam.

Nos trabalhos de Louise Kanefuku está presente uma tensão desta ordem. Uma tensão entre a fragilidade e a exposição de uma imagem que, em que pese a sua condição, se oferece ao espectador. Seja na série anterior de trabalhos, intitulada “Pequenos Martírios Indolores”, seja agora, com o seu “Estudo sobre a insônia”, Louise explora a representação de um eu que não foge à necessidade de se mostrar fragilizado, como nos “Pequenos Martírios”, ou marcado pela angústia, como no “Estudo sobre a insônia”.

Está firmada no imaginário popular a ideia de que o sono é dos justos. No mínimo, daqueles que estão tranquilos consigo mesmos. Perder o sono traduz a falta de tranquilidade, a dívida, a ansiedade, características marcantes dos tempos nos quais vivemos. Como Jonathan Crary assinalou, estamos imersos em um mundo pensado para operar 24/7 (24 horas, 7 dias por semana), sendo o sono a última barreira natural até o momento não controlada pelo mercado, ainda que a indústria farmacêutica sobre ele tenha investido com volúpia.

A insônia, tematizada por Louise na mostra ora em tela, concentra toda a angústia daquele que deseja se entregar ao alheamento trazido pelo sono sem ser capaz. A artista representa-se nas diferentes posições ocupadas, uma após a outra, por aquele que procura adormecer sem ser capaz, como podemos ver no primeiro “Estudo sobre a insônia”. Em trabalhos como o Estudos I e II, desenhos nos quais a imagem da artista fotografada submersa em uma piscina se converte em desenho, ela se apresenta livre dos aparatos de repouso que acabam por se tornar um azeitado para o insone, como os lençóis e a própria cama.

Na exposição que ora nos oferece, Louise transita entre várias referências, que vão da cultura pop, como as graphic novels do Chris Ware, ao trabalho do artista sul-coreano Seung Mo Park, presentes em seus desenhos. Estudos sobre a Insônia é um convite para pensar e para que nos sintamos um pouco desassossegados. E o desassossego é tudo o que se quer.

ANEXOS

Textos que compõem a obra *Souvenirs do inconsciente*.

“Eu tinha um coração vivo em minhas mãos. Peguei uma faca de cozinha e cravo ela no coração com força. Rasguei sua carne e estilhacei o coração com vários golpes. Aquilo era ao mesmo tempo horrível, doloroso e prazeroso.”

“O dia está ensolarado, está quente e eu nado entre ilhas num cenário paradisíaco. Sei nadar bem e me sinto muito bem neste lugar. Aparecem golfinhos e orcas para nadar comigo. Eu posso respirar em baixo d’água. Adoro golfinhos, orcas e o mar.”

“Eu fujo de uma organização. Fujo desesperadamente e estou sozinha enquanto eles são muitos. Consigo escapar com uma habilidade surpreendente, dando saltos e me esquivando como a heroína de um filme de ação, mas eles chegam cada vez mais perto, até que me atiro de um prédio, e acordo.”